



Ex.^a Senhora Primeira Ministra

Os jovens da Comunidade Juvenil de Bencanta apresentam a sua saúdação mais juvenil e o seu obrigada mais profundo. O grupo que se deslocou a Lisboa afim de contactar com a Senhora Adjunta comunicou-nos o resultado desse encontro que foi segundo nos disseram muito positivo e nos encheu de esperança. A maior reside precisamente na oficialização da Comunidade Juvenil que permitiria ficarmos só ligados ao Ministério dos Assuntos Sociais e era como que o reconhecimento oficial desta nova forma, de crianças e jovens, viverem em sociedade.

Fundação Cuidar o Futuro
Após quinze anos de vida e que vida, chegou o tempo de obtermos o reconhecimento da nossa luta pela justiça e pelo amor. Nesta perspectiva podemos dizer que toda a Comunidade tem um projecto de homem segundo o Evangelho e se compromete a realizá-lo corresponsavelmente.

A Comunidade Juvenil, nome que lhe foi dado por nós jovens, não é um internato, mas sim uma nova forma de vivência em sociedade. A nossa vida é um grito contra todos os Estatutos e Regulamentos que até aqui regem os asilos ou internatos. Nós é que fazemos a Comunidade, usando da nossa liberdade na responsabilidade. Não são os adultos que ditam as leis que nos devem reger, mas as nossas Assembleias semanais, onde cada um pode falar, dando o seu contributo para o melhor andamento da casa e o estabelecimento das melhores relações entre todos. Esta participação pedida ao mais novo como ao mais velho - reconhece-lhe o valor como pessoa

-Chama a responsabilidade de todos no projecto comum
-cria fraternidade

-prepara para uma convivência renovada e solidária.

A Comunidade é constituída por crianças e jovens carenciados de apoio familiar, deficientes visuais (19) e paralíticos cerebrais (4). Todos nós, qualquer ser humano é um ferido. Porque separá-los desde pequenos? Nós vivemos juntos, a ponto de muitas vezes para quem nos visita, não distinguir o cego do que vê. Todos estudamos, todos partilhamos das tarefas da casa, cada um escolhe as actividades para que sente maior tendência. Esta vida é diferente como o dia da noite, de todos os internatos, tem-nos trazido grandes sofrimentos, sobretudo pela crítica infundada, incompreensão da parte de quem nos deveria apoiar ou seja a Assembleia Distrital. Se por um lado temos o apoio da Direcção Geral da Assistência a Crianças (um acordo, por outro temos a Secretaria da Assembleia Distrital inserida no Ministério da Administração Interna que como é óbvio pouco ou nada entende de crianças e jovens. Assim se compreende que durante dois anos vivemos em sem vidros nas janelas, que durante tres anos tivéssemos comido de pé (cinquenta crianças e jovens dos 3 aos 18 anos) por não quererem comprar cadeiras ou bancos, que as mesmas pessoas bebesssem água às refeições por 20 copos, que a roupa dessas mesmas pessoas incluindo a roupa da cama fosse lavada numa banheira, quando já tinha vindo dinheiro para se comprar uma máquina de lavar roupa. Também se compreende que até hoje, apesar dos numerosos convites e instâncias junto das Autoridades para nos visitarem e dialogarem connosco nada conseguíssemos. Tudo quanto pedimos ou sugerimos na linha pedagógica que nos é específica nos é negado. Para estas pessoas somos sempre (somos sempre) os coitadinhos dos pobresinhos que tudo devem receber e ouvir muito calados e



Muito gratos. Assim há nove Meses que se iniciaram as obras de restauro da casa e ainda o Engenheiro responsável não compareceu no local, nem tão pouco o Presidente da Assembleia ou substituto. Caíram os estuques de dois tetos que só por mero acaso ou protecção especial de Deus, não matou nenhum de nós.

O Instituto da Família e Acção Social veio há dois anos a nossa casa e como a chefe de Serviços de então constatasse o crescimento de cogumelos nas paredes, foi tomada a resolução de nunca mais comparecerem até as obras serem feitas.

Nós temos resistido a tudo isto, a toda a fraqueza dos homens do poder, do autoritarismo, do verbalismo fácil, das soluções dadas nos gabinetes. Cremos tão firmemente no nosso ideal que faremos sempre tudo por atingi-lo. Todos os aspectos materiais que focámos, embora graves, não afectaram o nosso modo de viver.

Agora constatamos também que a Assembleia Distrital certamente porque não é este o seu pelouro, quer destruir e destroçar esta vida por nós construída, por uma outra feita por eles e segundo os padrões que os seus antepassados usaram. Nós não podemos aceitar este abuso só porque nos deram o apoio jurídico, vai fazer 4 anos. Pensámos sempre que esse apoio seria gratuito, mas na realidade está-se a passar o contrário. Nós não vendemos por nada aquilo que construímos ao longo de quinze anos com tanto esforço e ao serviço de todas as crianças e jovens.

Senhora primeira Ministra, agradecemos a nossa oficialização que automaticamente só nos manteria ligados aos serviços competentes do Ministério dos Assuntos Sociais e impediria a intromissão na nossa vida de Serviços ou pessoas que para tal não têm qualquer competência.

Se vier a Coimbra não deixe de vir dialogar con-

nosco e caso lhe seja impossível, nós vamos a Lisboa sempre que nos dê luz verde.

Obrigada por nos ter ouvido e por tudo quanto irá fazer para que esta vida que nós concebemos não leve machadadas de morte.

Com a amizade de todos.

Coimbra 5 de Novembro de 1979

Fundação Cuidar o Futuro

A Comissão das Obras da Comunidade Juvenil de Bencanta

Carlos Ferreira Dos santos

Marcia Mariana Correia

Manuel Horta Machado

Anaís Teresa Sousa Fernandes

